

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE FARMÁCIA**

**ANA CAROLINA STECANELLA BECKER  
SILMARA BLASIUŠ DIAS**

**AUTOMEDICAÇÃO NA POPULAÇÃO BRASILEIRA:  
UMA REVISÃO DA LITERATURA**

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2023**

**ANA CAROLINA STECANELLA BECKER  
SILMARA BLASIUŠ DIAS**

**AUTOMEDICAÇÃO NA POPULAÇÃO BRASILEIRA: UMA REVISÃO DA  
LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado para obtenção do grau bacharel  
no curso de farmácia da Universidade do  
Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof. Mestra Carla Andréia  
Daros Maragno

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2023**

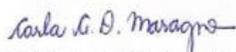
ANA CAROLINA STECANELLA BECKER  
SILMARA BLASIUZ DIAS

AUTOMEDICAÇÃO NA POPULAÇÃO BRASILEIRA: UMA REVISÃO DA  
LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso  
aprovado pela Banca Examinadora para  
obtenção do Grau de Bacharel, no Curso  
de Farmácia da Universidade do Extremo  
Sul Catarinense, UNESC.

Criciúma, 16 de junho de 2023.

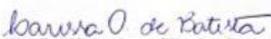
BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Profª. Mª. Carla Andréia Daros Maragno (UNESC)



Banca Examinadora: Profª Mª. Bruna Giassi Wessler (UNESC)



Banca Examinadora: Profª. Mª. Larissa Oliveira Batista (UNESC)

Esse trabalho é dedicado primeiramente a Deus, pois foi ele que nos capacitou e nos deu forças ao longo desses anos para que hoje possamos estar concluindo mais uma etapa importante das nossas vidas.

Em segundo lugar aos nossos pais, que desde o início da graduação foram nossos pilares de força e incentivo, que sem eles certamente não teríamos chegado até aqui.

Também aos nossos amigos e familiares que sempre contribuíram de alguma forma com uma palavra motivacional e entenderam nossas horas de ausência.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a Deus primeiramente, por todos os momentos ao longo de toda a graduação, por ter iluminado nossos caminhos e nos dado saúde e sabedoria para concluir cada dia de luta e vitórias, pois sem a Sua graça nada disso seria possível.

Aos nossos pais Reinaldo, Andreia, Hélio e Marisete, especificamente nossas mães, que foram nossas maiores mestras, que nunca mediram esforços para fazerem o melhor por nós, sempre com humildade e a honestidade, incentivaram os nossos sonhos e sonharam com a realização deles juntamente com nós, nossa gratidão e amor por vocês é imensurável.

Aos nossos irmãos obrigada pelo amor, carinho e amizade, pois sempre se fizeram presentes e acreditaram em nós.

A nossa orientadora Carla Andréia Daros Maragno, que apesar da sua intensa vida acadêmica aceitou nos orientar neste trabalho. Obrigada por toda atenção e o seu tempo que sabemos que é precioso você foi fundamental nesse processo.

A nossa querida banca Bruna e Larissa, por aceitar o convite de estar presente e contribuir para esse momento tão importante.

Aos nossos mestres, que ao longo de toda graduação nos transmitiram todo o conhecimento necessário para que nos tornemos profissionais capacitados.

Aos nossos trabalhos, que mesmo com toda a rotina intensa, nos deram folgas e total apoio para que conseguíssemos concluir mais essa etapa.

A Universidade do Extremo Sul Catarinense UNESC, por ter nos concedido a oportunidade de um estudo de excelência. E a todos que de uma forma ou outra ajudaram a concluir uma etapa das nossas vidas.

**“Na faculdade, você pode aprender sobre fórmulas e teorias, mas o melhor profissional é aquele que escolhe colocar amor e empatia em cada um dos seus atendimentos”.**

**Autor Desconhecido**

**TRABALHO DE ACORDO COM AS  
NORMAS DA REVISTA INOVA SAÚDE**

# **AUTOMEDICAÇÃO NA POPULAÇÃO BRASILEIRA: UMA REVISÃO DA LITERATURA**

## **SELF-MEDICATION IN THE BRAZILIAN POPULATION: A LITERATURE REVIEW**

Ana Carolina Stecanella Becker<sup>1</sup>

Silmara Blasius Dias<sup>1</sup>

Carla Andreia Daros Maragno<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Acadêmicas da décima fase do Curso de Farmácia UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma - SC, Brasil. E-mail: [anastecanellabecker@gmail.com](mailto:anastecanellabecker@gmail.com), [silmara.blasius@unesc.net](mailto:silmara.blasius@unesc.net).

<sup>2</sup>Docente do Curso de Farmácia UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma - SC, Brasil. Mestre em educação. E-mail: [carlamaragno@unesc.net](mailto:carlamaragno@unesc.net)

### **CORRESPONDÊNCIA**

**Ana Carolina Stecanella Becker**

Rua das Flores, 351, Jardim das Avenidas, Araranguá - SC, Brasil.

## RESUMO

Esse artigo trata-se de uma revisão integrativa da literatura que tem como objetivo identificar as classes de medicamentos mais utilizados entre a população avaliada e o perfil desses usuários. Foram coletados artigos brasileiros, publicados a partir do ano de 2020, que se enquadraram nesses critérios por apresentarem a prevalência de automedicação, os medicamentos mais utilizados e os fatores que mais influenciaram. A maioria dos artigos encontrados tratavam de estudos transversais. Foram analisadas também a prevalência de automedicação, que se mostrou bastante variada (8,9% a 97,1%) e isso pode estar relacionado a diversas populações analisadas, tendo em vista que a prevalência mais elevada se deu a acadêmicos e a mais baixa em indivíduos entrevistados durante a pandemia. Foi realizada uma tabela com as informações mais relevantes dos artigos selecionados e seus principais achados. Levando em consideração a grande demanda de consultas e exames do sistema de saúde, as farmácias comerciais entram como primeira porta para que essas pessoas venham procurar orientações adequadas, pode-se ver a importância do profissional farmacêutico na promoção da saúde e as boas práticas de dispensação desses medicamentos, pois atua na maioria das vezes como linha de frente no atendimento as pessoas. Percebe-se também a importância de uma valorização e capacitação desses profissionais dentro desses locais.

**Palavras chave:** saúde, acadêmicos, adultos, medicamentos, pandemia.

## ABSTRACT

This article is an integrative literature review that aims to identify the most commonly used classes of medications among the evaluated population and the profile of these users. Brazilian articles published from the year 2020 onwards were collected, meeting the criteria of reporting self-medication prevalence, the most commonly used medications, and the influencing factors. The majority of the found articles were cross-sectional studies. The prevalence of self-medication was found to vary considerably (8.9% to 97.1%), which may be attributed to different populations analyzed, considering that the highest prevalence was observed among students and the lowest among individuals interviewed during the pandemic. A table was created with the most relevant information from the selected articles and their main findings. Considering the high demand for healthcare consultations and exams, commercial pharmacies serve as the first point of contact for people seeking appropriate guidance, highlighting the importance of pharmacists in promoting health and ensuring proper medication dispensing practices. Pharmacists often play a frontline role in attending to individuals' needs. The importance of recognizing and providing training for these professionals within these settings is also evident.

**Keywords:** health, academics, adults, medication, pandemic.

## INTRODUÇÃO

Os medicamentos tornaram-se algo muito importante para prevenção, cura, alívio e diagnóstico de diversos sintomas e doenças. Diante disso, destaca-se um assunto muito importante e preocupante ao mesmo tempo que é a automedicação, que é o consumo de um medicamento sem indicação ou orientação de um profissional de saúde, principalmente o médico.<sup>1</sup>

O risco que a automedicação traz para o ser humano envolve tanto as interações medicamentosas, mascaramento de doenças, intoxicações e até mesmo a morte. A facilidade com que as pessoas têm acesso ao medicamento, principalmente nas farmácias comerciais, facilita a propagação desse feito. Estudos relatam que o conhecimento adquirido na graduação está levando os jovens universitários a serem uma das classes que mais utilizam.<sup>2</sup>

A falta de acesso ao sistema de saúde, atendimentos de qualidade, condições financeiras para pagar um plano de saúde, o marketing avassalador sobre medicamentos, acaba influenciando a população a realizar o uso da automedicação sem acompanhamento de um profissional habilitado. Em sua maioria, as pessoas que se automedicam imaginam que não há problemas em consumir esses medicamentos sem orientação, porém o mais simples dos medicamentos pode causar uma reação grave e causar sérios danos à saúde.<sup>3</sup>

Outro fator que tem influenciado muito essa prática é o crescimento acelerado das indústrias de insumos farmacêuticos, a propaganda massiva e promoções que são lançadas visando atingir os médicos, farmacêuticos, donos de farmácias, balconistas, pacientes e consumidores em geral (AQUINO, BARROS, SILVA, 2010). Estudo realizado por Aquino e colaboradores (2010) encontrou durante as entrevistas que a classe medicamentosa que mais se destacou foram os analgésicos, em seguida as vitaminas. Há relatos do uso de anorexígenos, antidepressivos e ansiolíticos sem uma indicação adequada ou embasamento médico, embora sua venda seja restrita e necessite de prescrição de controle especial.<sup>4</sup>

A automedicação traz consigo a economia, analisando que o paciente não necessita pagar uma consulta médica, podendo desta forma, obter os

medicamentos para tratar seus sintomas com custo menor. Alguns estudos, como o realizado por Jorge e colaboradores<sup>5</sup>, percebem que a maior prevalência de automedicação vem de pacientes do sexo feminino, onde a maior procura no balcão da farmácia é por analgésicos, seguidos de medicamentos para tratar problemas respiratórios e posteriormente problemas digestivos.

Algumas situações externas também podem contribuir com este cenário de automedicação, podendo-se citar a pandemia da COVID-19 que trouxe consigo o uso de medicamentos de forma exacerbada, considerando-se ainda que a população fez uso indiscriminado de vários protocolos de tratamento sem requisitos científicos mínimos de segurança, eficácia ou efetividade.<sup>6</sup>

O profissional farmacêutico tem uma grande responsabilidade no fornecimento de informações ao paciente. Esse profissional traz consigo uma grande bagagem de conhecimento que pode ser transmitido de forma simples e prática ao paciente que procura auxílio no balcão da farmácia. Nos dias atuais, cada vez mais o farmacêutico vem crescendo na Assistência Farmacêutica, deixando de ser um simples entregador de caixinha para tornar-se um profissional que realiza a dispensação de forma adequada para garantir acesso e eficácia ao tratamento farmacológico.<sup>7</sup>

Tendo se em vista que a automedicação é uma questão extremamente importante na saúde dos indivíduos, esse trabalho teve como objetivo fazer uma revisão da literatura dos estudos brasileiros sobre automedicação, com objetivo de levantar os principais fatores que contribuem para esse cenário, e a partir disso estratégias de conscientização da população podem ser traçadas.

## **METODOLOGIA**

Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, onde foram acessadas as bases de dados Scielo (Scientific Electronic Library Online), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Pubmed. A busca foi realizada utilizando as palavras chaves: automedicação, brasileiros, universitários, idosos. Os critérios de inclusão estabelecidos, foram que os estudos fossem de origem brasileira, avaliassem a automedicação e tivessem sido publicados a partir de 2020. Após a análise inicial, foram excluídos os artigos que analisaram a automedicação por meio de plantas medicinais e também aqueles que não descreveram as classes de medicamentos mais utilizadas na automedicação. Essa exclusão resultou em um total de 10 artigos para a revisão.

## **RESULTADOS**

Esta revisão teve como objetivo avaliar a literatura recente (2020 a 2023) sobre estudos brasileiros sobre automedicação. As principais informações de cada artigo encontram-se detalhadas na Tabela 1. Dos 10 artigos analisados as metodologias foram diversas, porém a mais frequente foi o estudo transversal n=8 (80%), revisão sistemática n=1 (10%), e estudo descritivo exploratório n=1 (10%). Os artigos encontrados estudaram diversas populações: população específica de doentes renais crônicos (A), população geral de acadêmicos de psicologia (B), população geral maiores de 18 anos (C), população geral de usuários do SUS (D, G), população geral de acadêmicos de diversos cursos (H), população geral de acadêmicos de odontologia e enfermagem (E), população geral em uso de medicamentos na prevenção ou combate a COVID-19 (F, I) e população geral de profissionais da saúde (J).

O percentual de automedicação variou bastante entre os estudos, desde 8,9% a 97,1%. As prevalências mais elevadas apareceram nos artigos H (80,1%), B (85,4%) e E (97,1%), que são estudos que avaliaram populações de acadêmicos de graduação, sendo as populações dos artigos B e E da área da saúde (B - psicologia; E - odontologia e enfermagem). Os artigos que tiveram menor prevalência de automedicação foram o F (8,9%) que foram indivíduos que se

automedicaram no combate a COVID-19, o artigo I (32,7%) foram adultos jovens que utilizaram a automedicação como forma de prevenção a COVID-19 e o artigo A (39,4%) adultos com doença renal crônica.

Os principais fatores descritos nos artigos que influenciavam na automedicação foram: ter o medicamento armazenado em casa (A, D, H, I), prescrições antigas (C), indicações de familiares/amigos (B, C, D, E, F, H, J), medicamentos recomendados por balconistas/assistentes (C), conhecimento próprio (A, E, J), internet/televisão/mídias sociais (B, F), medo de contaminação nas salas de espera e consultórios médicos (I) e farmacêuticos (J).

Diversos estudos trouxeram os medicamentos que são utilizados com maior frequência, desses os analgésicos são os que possuem maior prevalência sendo em primeiro lugar nos artigos (B, C, D, E, G, H, I, J) e em segundo lugar o uso de anti-inflamatórios (A, B, C, E, G, H, J). Também temos as classes que menos aparecem como: vitaminas (E, F, I), antiparasitários (F, I), antigripais (G, J), antibiótico (F), antirreumático (H) e análogo de vitamina D (A). Os estudos mostraram que o maior motivo que levou os indivíduos se automedicarem foram quadros diversos de dor.

**Tabela 1:** Resumo das principais informações dos Estudos desta Revisão integrativa Sobre automedicação em brasileiros publicados entre 2020 a 2023.

Código do artigo	Autor (ano)	Tipo de estudo	População estudada	Percentual de mulheres na amostra (%)	Classe farmacêutica / medicamento	Prevalência de automedicação	Principais resultados
A	Lemos, et al. (2020) <sup>8</sup>	Estudo quantitativo descritivo transversal	Adultos com Doença Renal Crônica (n= 170)	35,9%	Análogo de vitamina D/Calcitriol 9,6%, Analgésico/ clonidina 6,7% Anti-inflamatório/ nimesulida 5,8% Analgésico/ dipirona 5,8%	39,4%	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Há baixa frequência de automedicação na população de renais crônicos investigada, sendo associada ao uso de medicamentos guardados em casa 86,7%;</li> <li>• 64,1% eram homens, com idade média de 50,5 anos.</li> <li>• Idade de 20 a 86 anos;</li> <li>• Pacientes com maior escolaridade e que usam sobra de medicamentos em casa têm mais chances de se automedicar.</li> </ul>

<b>Código do artigo</b>	<b>Autor (ano)</b>	<b>Tipo de estudo</b>	<b>População estudada</b>	<b>Percentual de mulheres na amostra (%)</b>	<b>Classe farmacêutica medicamento</b>	<b>Prevalência de automedicação</b>	<b>Principais resultados</b>
B	Souza, et al. (2020) <sup>9</sup>	Estudo quantitativo transversal exploratório e descritivo	População geral (maiores de 18 anos), acadêmicos de Psicologia (n=144)	68,7%	Analgésico/ Dipirona 76,4% analgésico/ Paracetamol 46,8%, anti-inflamatório/ ibuprofeno 35,9%	85,4%	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Média de idade de 23,6 anos;</li> <li>• Residente em Campina Grande;</li> <li>• A maioria da amostra classificada como gênero feminino utilizava medicamentos alopáticos.</li> <li>• Se destacou analgésicos e anti-inflamatórios.</li> <li>• Plantas medicinais: Boldo, camomila, cidreira e hortelã.</li> </ul>
C	Ferreira, et al. (2021) <sup>10</sup>	Revisão sistemática	População geral (maiores de 18 anos) (n= 2.893)	64%	Analgésico-Antitérmico 50% e anti-inflamatório 35%.	% informação não disponibilizada	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Concluiu-se que a maior causa da automedicação foi influenciada por prescrições antigas, experiência do uso de medicamentos e recomendações dos balconistas.</li> <li>• Estados dos artigos selecionados: Amazonas, Distrito Federal, Minas Gerais, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Sergipe e São Paulo.</li> </ul>

<b>Código do artigo</b>	<b>Autor (ano)</b>	<b>Tipo de estudo</b>	<b>População estudada</b>	<b>Percentual de mulheres na amostra (%)</b>	<b>Classe farmacêutica / medicamento</b>	<b>Prevalência de automedicação</b>	<b>Principais resultados</b>
D	Júlia Arruda Batista. (2021) <sup>11</sup>	Estudo epidemiológico transversal	População geral (maiores de 18 anos) Usuários do SUS que demandam atendimento odontológico (n=537)	84,36%	Analgésicos 47,92% (dores de cabeça e de dente).	42,83%	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 64,25% Não acham que a automedicação cause danos a saúde;</li> <li>• A maioria dos indivíduos não leem a bula;</li> <li>• A maioria dos indivíduos que se automedicaram no 15 dias, ocasionalmente praticavam atividades de lazer (63,87%);</li> <li>• Raramente consomem alimentação saudável (76,54%).</li> <li>• Pacientes abordados nas Unidades de saúde de Araçatuba – SP</li> </ul>

<b>Código do artigo</b>	<b>Autor (ano)</b>	<b>Tipo de estudo</b>	<b>População estudada</b>	<b>Percentual de mulheres na amostra (%)</b>	<b>Classe farmacêutica / medicamento</b>	<b>Prevalência de automedicação</b>	<b>Principais resultados</b>
E	Júnior, et al. (2021) <sup>12</sup>	Estudo Quantitativo de natureza aplicada e de corte transversal	População geral (maiores de 18 anos) acadêmicos de odontologia e enfermagem (n=70)	75,6%	Analgésicos 92,9%, anti-inflamatório 54,3% e vitaminas 47,1%	97,1%	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A prevalência de automedicação foi alta, e frequentemente relatada para o combate à cefaleia. Os acadêmicos relataram que experiências prévias e conhecimentos ajudaram na escolha dos fármacos;</li> <li>• 98,6% afirmam ser consciente aos efeitos do medicamento;</li> </ul>
F	Pitta, et al. (2021) <sup>13</sup>	Estudo de caráter quantitativo e qualitativo (transversal)	População geral (maiores de 18 anos), em uso de medicamentos na prevenção ou combate da COVID-19 (n=1000)	68,8%	Vitaminas e própolis 41,16%, antiparasitário/ ivermectina 17,82% e antibiótico/ azitromicina 8,56%	Prevenção 20.2% Combate 8.9%	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A pandemia interferiu muito na saúde mental das pessoas, muitas vezes levando ao autocuidado com interferência da mídia e da própria situação em que o país e o mundo se encontrava, foi encontrada uma prevalência de 20,02% maior de automedicação, visando a prevenção.</li> <li>• Utilizado a plataforma google forms.</li> <li>• Pessoas brasileiras, residentes no Brasil.</li> </ul>

<b>Código do artigo</b>	<b>Autor (ano)</b>	<b>Tipo de estudo</b>	<b>População estudada</b>	<b>Percentual de mulheres na amostra (%)</b>	<b>Classe farmacêutica / medicamento</b>	<b>Prevalência de automedicação</b>	<b>Principais resultados</b>
G	Ramires, et al. (2022) <sup>14</sup>	Estudo transversal	População geral (maiores de 18 anos) Usuários do SUS (n=1.365)	69,4%	Informação não disponibilizada	55%	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Verificou-se prevalência importante de automedicação, especialmente em mulheres, jovens e com maior escolaridade. Considerando os riscos, destaca-se a necessidade de políticas públicas para prevenir o uso indiscriminado de medicamentos.</li> <li>• Dor 89%, gripe/resfriado/dor de garganta 18,9% e febre 6,9%.</li> </ul>
H	Lima, et al. (2022) <sup>15</sup>	Estudo transversal e analítico	Adultos, acadêmicos de graduação (n=694)	78,9%	Analgésicos 51,8% e anti-inflamatórios e antireumáticos 10,4%	80,1%	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alta prevalência de automedicação;</li> <li>• A maioria dos medicamentos foram adquiridos em farmácia;</li> <li>• A maioria dos medicamentos consumidos foram analgésicos;</li> <li>• Estudantes do interior do Amazonas, matriculados regularmente nos cursos de graduação do Instituto de Saúde e Biotecnologia.</li> </ul>

<b>Código do artigo</b>	<b>Autor (ano)</b>	<b>Tipo de estudo</b>	<b>População estudada</b>	<b>Percentual de mulheres na amostra (%)</b>	<b>Classe farmacêutica / medicamento</b>	<b>Prevalência de automedicação</b>	<b>Principais resultados</b>
I	Wirowski, et al. (2022) <sup>16</sup>	Estudo Transversal	Adultos jovens (18 a 35 anos); uso de medicamentos na prevenção ou combate da COVID-19 (n=349)	68,2%	Analgésico/Paracetamol 55,3%, vitamina D 31,6%, antiparasitário e analgésico/ivermectina-dipirona 30,7% e vitamina C 26,3%.	32,7%	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A maioria dos participantes adeptos a automedicação eram do sexo feminino 50,9%;</li> <li>• A idade que mais se automedicou foi entre 27 e 35 anos 44,7%;</li> <li>• A região que mais se automedicou, foi a região Sul com 64,9%.</li> </ul>
J	Cavalcante, et al. (2023) <sup>17</sup>	Estudo Observacional Transversal	População geral (maiores de 18 anos), profissionais da saúde (n=30)	73%	Analgésicos 21%, antigripais 19% e anti-inflamatório 16%	60%	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Funcionários de um hospital municipal de Goiás;</li> <li>• 60% dos participantes tem menos de 36 anos;</li> <li>• Participaram da pesquisa profissionais de enfermagem, farmácia, fisioterapia, médico, nutricionista e técnicos de enfermagem;</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autoras (2023).

No artigo A, foi avaliado a automedicação em pacientes que realizavam hemodiálise há mais de 1 ano, eram pacientes hemodialíticos crônicos. Dos participantes estudados a maioria era homens, no qual notou-se que apenas (1,8%) buscaram a automedicação por medo de ir ao médico, (17,6%) relataram já ter usado medicamentos que tinham guardados em casa, desses (63,3%) eram sobras de receitas anteriores. Alguns pacientes não tiveram adesão ao tratamento nos últimos 30 dias por motivos de preço (14,3%), medicamentos em falta (21,4%), não tinham transporte para buscar (7,1%), não gostavam de tomar medicamentos (14,3%) e pelo fato de não se sentirem bem quando tomam o medicamento (42,9%), além disso (75%) dos participantes usaram medicamento por conta própria e relataram saber como utilizá-lo e obtiveram melhora após a administração.

No artigo B, foi aplicado um questionário entre os estudantes de psicologia na Universidade Federal de Campina Grande. A amostra foi composta por 144 estudantes, (68,7%) eram do gênero feminino com renda mensal entre 1 a 3 salários mínimos. Desses (59%) faziam uso exclusivo do Sistema Único de Saúde (SUS). Pôde-se observar que (91%) da amostra do gênero feminino fazia o uso de alopáticos. Houve prevalência ao uso de dipirona (76,4%), cafeína (51,6%), paracetamol (46,8%), ibuprofeno (35,9%), citrato de orfenadrina (31,6%) e diclofenaco sódico (11,2%). Os problemas de saúde que mais levavam esses estudantes a praticarem a automedicação eram: dores de cabeça, cólica, dores em geral, febre, alergia, dor/inflamação na garganta e gripe/resfriado. Demonstrou-se também que (32,2%) buscavam como principal fonte de informações a bula, a maior parte dos casos (65,8%) buscavam informações com familiares e amigos e (20,3%) utilizavam a internet ou televisão como fonte de informação. Entretanto, observou-se que (70,1%) dos estudantes afirmaram que o uso da automedicação poderia trazer algum dano à saúde. A indicação de uso de alopáticos foi considerada maior quando os participantes já utilizavam dos mesmos. Esse artigo também citou o uso de fitoterápicos como terapia alternativa e as plantas mais utilizadas foram: boldo (34,5%), camomila (20,9%), cidreira (10,9%), hortelã (8,1%) e capim santo (7,3%).

No artigo C, que trata-se de uma revisão sistemática, que estudou 10 artigos, percebe-se que, (64%) do público feminino se automedica, com idade acima de 60 anos, seguidas por pessoas casadas com (51,6%). Há uma busca acentuada pelo gênero feminino, tendo em vista que as mulheres possuem um perfil de autocuidado mais elevado e uma percepção acentuada das doenças, obtendo uma

predisposição maior para se automedicar. Há um índice elevado de automedicação pela população idosa brasileira que está vivendo acima de 60 anos e esses estão em busca de uma melhor qualidade de vida, o que aumenta as chances pela busca de medicamentos sem prescrição médica. Os principais fatores que influenciam na prática de automedicação são: prescrições antigas (13%), experiência anterior com esse medicamento (12%), recomendação do assistente de farmácia (12%) e família (10%).

No artigo D, a amostra foi de 537 usuários do SUS, maioria do sexo feminino, casada e com idade entre 36 a 59 anos. Houve um percentual de (60,15%) de pessoas que utilizaram algum medicamento para dor de dente no período de 15 dias, as classes mais utilizadas foram: analgésicos (47,92%), anti-inflamatórios (27,60%) e antibiótico (20,83%). A maioria desses usuários possuíam estoque domiciliar desses medicamentos, correspondendo a (83,99%). Os fatores que mais influenciaram esses usuários a se automedicar foram: conhecimento próprio (40,96%), demora no atendimento (21,52%) e indicação de familiares (12,86%). Em relação aos hábitos alimentares (76,54%) raramente possuem hábitos saudáveis, (6,70%) fumam, (30,54%) as vezes consomem bebidas alcoólicas, (77,47%) se considera uma pessoa estressada e (54,19%) não estão satisfeitos com seu sono.

No artigo E, o estudo contou com a participação de 70 acadêmicos, destes (58,6%) eram do curso de odontologia e (41,4%) do curso de enfermagem, com predominância de acadêmicos do quarto semestre. Não houve variação estatisticamente significativa quando comparado aos cursos em que estão matriculados. O fármaco mais utilizado pelos acadêmicos foi o analgésico (92,9%) e as sintomatologias que levaram aos acadêmicos a busca pela automedicação foram: dor de cabeça (84,3%), dor de garganta (47%), cólicas menstruais (44,3%) e resfriado (42,9%).

No artigo F, a faixa etária com maior participação foi dos 24 a 39 anos, nível educacional de (64,6%) que possuem pós graduação. A maior participação da pesquisa se deu por residentes das regiões Sudeste (38,1%) e Nordeste (25,2%) do Brasil. Em relação às áreas de graduação, as ciências da saúde representaram 32,2%, quando perguntados se buscaram ajuda de profissional quando apresentaram sintomas da COVID-19 (16,4%) afirmaram que sim, (67,4%) seguiram as recomendações do profissional da saúde e somente (8%) foram diagnosticados com a doença. Os medicamentos de maior uso foram: vitaminas e

propolis, antiparasitário (ivermectina) e o antibiótico (azitromicina). Apenas (1,1%) da amostra fez o uso da hidroxicloroquina. Quando perguntados dos efeitos colaterais (8,7%) dos participantes apresentaram cólicas intestinais, diarreia, náusea, dor de cabeça e mal estar. A maior indicação desses fármacos se deu pela família com (30,17%), a classe médica se destacou com (27,37%) enquanto outras classes obtiveram apenas (0,86%). Das indicações por meios de comunicação, se destacou as mídias digitais com (7,97%).

No artigo G, foi realizada uma pesquisa no SUS, com pacientes atendidos nas 34 unidades urbanas da Atenção Primária à saúde do município de Passo Fundo - RS. Observa-se que (52,1%) tem auto percepção positiva da saúde, (65%) são obesos, (42,3%) possuem multimorbidade, (64,5%) usam medicação contínua sendo (56,1%) para dores crônicas e (8,7%) para tratamentos psicológicos, além de (15,1%) utilizarem medicamentos para dormir. O maior motivo por se automedicarem é a dor, gripe/resfriado/dor de garganta, febre e problemas digestivos.

No artigo H, foi realizado um estudo entre os sete cursos (Biologia/Química, Matemática/Física, Biotecnologia, Enfermagem, Fisioterapia, Medicina e Nutrição) de graduação que a Universidade Federal do Amazonas oferece. As principais formas de aquisição desses medicamentos foram: farmácia (89,9%), com familiares (5%) e vizinho/amigo (2,6%). Dos estudantes que referiram se automedicar nos últimos 30 dias, os medicamentos mais consumidos foram os analgésicos (51,8%), seguidos dos anti-inflamatórios/antirreumáticos (10,4%) e anti-histamínicos (10,2%). Os motivos de saúde que acometeram a automedicação destacaram-se: problemas álgicos (54,3%), doenças do aparelho respiratório (15,5%) e doenças do aparelho geniturinário (9,9%).

No artigo I, foi executado um estudo entre os adultos jovens que residiam no Brasil durante o período da pandemia COVID-19, a coleta ocorreu no período de julho a setembro de 2021. Os maiores motivos para automedicação foi a prevenção da COVID-19 (36,8%), resfriado/gripe (28,9%) e sintomas da COVID (16,7%). Os medicamentos mais utilizados foram: paracetamol, vitamina D, ivermectina, dipirona+associações e vitamina C. Contribuíram para a automedicação o fato de ter medicamento em casa (65,8%), sintomas não relevantes o suficiente para a consulta médica (35,1%), uso anterior do medicamento (24,6%) e medo de contaminação em salas de espera ou consulta médica (21,1%).

No artigo J, foi realizado um estudo com uma amostra de 30 profissionais da área da saúde, onde a maioria era representado por mulheres (73%). A maioria dos participantes eram enfermeiros (37%), técnicos de enfermagem (34%), nutricionistas (13%), médicos (10%) e farmacêuticos e fisioterapeutas (3%) cada. A automedicação com medicamentos tarjados é praticada somente por (3%) dos entrevistados. Em relação a porcentagem quando se trata de sexo, percebe-se que os homens desse estudo se automedicam muito mais que as mulheres, tendo um percentual de (88%). Quando questionados sobre quais medicamentos mais utilizavam na classe de analgésicos (Coristina D, dipirona, paracetamol), ansiolíticos (midazolam e bromazepam) e anti-inflamatórios (tilatil, nimesulida, ibuprofeno, diclofenaco). Os profissionais também foram perguntados quem indicava os medicamentos, (60%) eles próprios, (17%) médicos e (10%) mãe e pai.

## DISCUSSÃO

Os estudos avaliados revelaram uma variação significativa nos percentuais de prevalência da automedicação no Brasil. Essa variação pode ser atribuída à diferentes populações analisadas nos estudos. Entre os artigos que apresentavam maior prevalência para esta prática foram os artigos B, E, H, que investigaram especificamente a automedicação entre acadêmicos.

Vários fatores podem estar associados a este resultado, como as intensas atividades acadêmicas enfrentadas pelos estudantes, incluindo provas, trabalhos, estágios, ações de extensão, iniciação científica e outros compromissos. Essas demandas podem exercer influência na adoção da automedicação como uma forma de lidar com os sintomas e as pressões do ambiente acadêmico. É importante ressaltar que a automedicação pode acarretar riscos à saúde, como interações medicamentosas e efeitos colaterais indesejados. Portanto, é fundamental promover a conscientização sobre os perigos da automedicação e incentivar o uso responsável de medicamentos, especialmente entre os grupos mais suscetíveis como os acadêmicos.

Foi observado que os acadêmicos têm uma tendência maior de se automedicar durante as fases iniciais de seus cursos, principalmente devido à influência de sua herança cultural. No entanto, ao longo da graduação e com o aumento dos conhecimentos adquiridos é perceptível uma redução na prática da automedicação.

Vale ressaltar que a alta taxa de automedicação entre esse grupo pode estar relacionada a diversos fatores importantes. Um deles é a presença de sintomas simples como a dor, que muitas vezes são considerados pela população como desnecessários para buscar atendimento médico. Além disso, a facilidade de compra e acesso aos medicamentos nas farmácias pode contribuir para a automedicação, especialmente quando há dificuldades no acesso aos serviços de saúde.

É fundamental conscientizar os acadêmicos e a população em geral sobre os riscos associados a automedicação, destacando a importância de buscar orientação médica adequada para o tratamento de qualquer condição de saúde. Promover o uso responsável de medicamentos e incentivar o uso dos serviços de saúde é essencial para garantir a segurança e o bem-estar dos indivíduos.<sup>18</sup>

É verdade que o Brasil é um dos maiores consumidores de medicamentos na América Latina, porém ainda enfrenta desafios em relação ao acesso rigoroso a esses produtos. Essas falhas podem ter implicações negativas, uma vez que o uso abusivo, inadequado ou incorreto, de medicamentos pode levar a uma série de riscos à saúde, incluindo o surgimento de infecções.

À medida que a automedicação se torna mais popular, os riscos associados a essa prática se tornam mais evidentes. O uso indiscriminado de medicamentos, sem orientação adequada de um profissional de saúde, pode levar a efeitos colaterais indesejados, interações medicamentosas prejudiciais e até mesmo o agravamento de condições de saúde existentes.

É importante destacar a necessidade de conscientização sobre os riscos da automedicação e promover o uso responsável de medicamentos. É fundamental buscar orientação médica adequada antes de iniciar qualquer tratamento medicamentoso e seguir as instruções de dosagem e duração do uso prescritas pelo profissional de saúde.

Além disso, é essencial que haja políticas públicas e regulamentações adequadas para garantir um acesso seguro e controlado aos medicamentos, evitando a automedicação inadequada e promovendo o uso racional desses produtos. A educação da população em relação ao uso adequado de medicamentos também desempenha um papel crucial na prevenção de riscos associados a automedicação.<sup>19</sup>

É interessante observar que os estudos destacam uma diferença significativa nas taxas de automedicação entre os sexos. Tanto homens quanto mulheres admitem fazer uso de medicamentos sem prescrição médica, porém, é mais comum encontrar uma maior prevalência de automedicação entre as mulheres.

Os artigos mencionados (B, D, E, G, I), apontam para essa maior incidência de automedicação entre as mulheres. Essa tendência pode ser atribuída a diversos fatores. Um deles é que as mulheres tendem a estar mais atentas aos sinais de doenças e sintomas em seus corpos. Por exemplo, durante o ciclo menstrual, é comum experimentarem dores e desconfortos, o que pode levar à automedicação para aliviar esses sintomas.

Além disso, a sociedade impõe uma pressão adicional às mulheres para que cuidem de sua saúde e bem-estar. As mulheres são frequentemente incentivadas a

buscar soluções rápidas para seus problemas de saúde, o que pode levá-las a recorrer à automedicação como uma forma de autocuidado.

No entanto, é importante ressaltar que a automedicação não é a abordagem mais segura ou recomendada para lidar com problemas de saúde. A consulta a um profissional de saúde como médico ou farmacêutico, é fundamental para obter um diagnóstico correto e receber orientações adequadas sobre o uso de medicamentos.

É fundamental promover a conscientização sobre os riscos e benefícios da automedicação especialmente entre as mulheres, e encorajá-las a buscar cuidados médicos adequados para garantir sua saúde e bem-estar.<sup>20</sup>

Os artigos F e I que tiveram uma menor prevalência de automedicação, foram publicados nos anos de 2021 e 2022 e avaliaram a automedicação no período da pandemia da COVID-19, relatando o uso de medicamentos, como: vitaminas, ivermectina, paracetamol e azitromicina, para a sua prevenção. Embora a prescrição e o uso desses medicamentos para tratar ou prevenir a COVID-19 receberam contornos de grande credibilidade, quando o “tratamento precoce” e o “kit-covid” foram divulgados e o seu uso incentivado amplamente nas mídias. Durante esse período, a mídia teve grande contribuição para a automedicação desses indivíduos, pois nesses meios foram divulgadas falsas informações sobre a utilização dos mesmos.<sup>21</sup>

Durante o período de pandemia, foi possível analisar que a busca por medicamentos por conta própria, teve elevado aumento. Muitas pessoas acabaram sendo influenciadas pela circulação das chamadas *fake news* sobre medicamentos para combater o coronavírus. De acordo com o Conselho Federal de Farmácia (CFF)<sup>22</sup>, no ano de 2020, os medicamentos como a hidroxicloroquina, a ivermectina, tiveram elevados números de vendas, acarretado em consequência da crença de que eram fórmulas milagrosas que poderiam prevenir ou curar a COVID-19. Entretanto, estes dois artigos (F e I) encontraram as menores taxas de automedicação, refletindo algumas situações da pandemia como: o medo e a insegurança por ser uma doença pouco conhecida e sem nenhum tratamento cientificamente comprovado, sugere-se que essa baixa prevalência de automedicação tem a ver com o reflexo do *lockdown* onde as pessoas tiveram que ficarem isoladas e só saíam de suas residências em casos extremos.

É evidente, de acordo com os artigos mencionados (B, C, D, E, G, H, J), que os analgésicos são a classe de medicamentos mais comumente utilizada na automedicação. A disponibilidade desses medicamentos sem prescrição médica nas farmácias facilita sua aquisição e contribui para sua alta prevalência na automedicação.

No entanto, é importante destacar que o uso indiscriminado e inadequado de analgésicos apresenta riscos significativos à saúde. A automedicação com analgésicos pode levar a intoxicações, interações medicamentosas indesejadas e reações adversas.

Nesse contexto, o papel do profissional farmacêutico é fundamental na promoção do uso racional de medicamentos. Os farmacêuticos têm o conhecimento necessário para orientar os pacientes sobre a escolha adequada do analgésico, a dosagem correta, a duração do tratamento e os possíveis efeitos colaterais.

Além disso, os farmacêuticos podem fornecer informações sobre alternativas não medicamentosas para o alívio da dor, como terapias físicas, mudanças no estilo de vida e medidas preventivas. Portanto, é essencial que os pacientes busquem o aconselhamento de um farmacêutico antes de iniciar a automedicação com analgésicos ou qualquer outro medicamento. Isso contribui para o uso seguro e eficaz dos medicamentos, minimizando os riscos associados à automedicação.<sup>23</sup>

A dipirona é um dos analgésicos mais utilizados pela população brasileira na automedicação. Sua popularidade se deve à sua eficácia no alívio da dor e da febre, além de ser um medicamento de baixo custo e amplamente disponível. No entanto, é importante destacar que a dipirona, assim como qualquer medicamento, possui potenciais efeitos colaterais e interações medicamentosas.<sup>24</sup>

A segunda classe que mais se destacou foi a dos anti-inflamatórios como nos mostram os artigos (C, E, H), talvez por serem medicamentos com potencial analgésico que alivia a dor, uma das causas mais comuns de automedicação entre a população, além disso, também tratam os quadros febris de doenças virais ou bacterianas ou inflamatórias, tendo assim uma múltipla ação. Importante ressaltar os riscos crônicos que eles podem trazer evidenciando mais uma vez a importância de uma boa conduta ética ao realizar a dispensação desses medicamentos.

No Brasil, muitas pessoas enfrentam dificuldades para ter acesso a consultas médicas, seja por questões financeiras, geográficas ou de disponibilidade de profissionais de saúde. Essa falta de acesso pode levar as pessoas a buscarem

a automedicação como uma alternativa mais rápida e acessível para tratar sintomas e condições de saúde. A publicidade de medicamentos e a venda sem prescrição médica podem criar a falsa ideia de que é seguro e eficaz utilizar determinados medicamentos por conta própria sem o devido acompanhamento profissional.

A falta de profissionais capacitados também é um fator preocupante, pois o papel do farmacêutico na orientação adequada sobre o uso de medicamentos e na promoção da saúde é essencial. Com um número insuficiente de farmacêuticos disponíveis, muitas vezes as pessoas não recebem as informações corretas sobre os medicamentos, seus riscos e benefícios, o que pode aumentar os problemas de automedicação.

Portanto, é fundamental que sejam implementadas políticas e ações que promovam um acesso mais amplo e equitativo aos serviços de saúde, incluindo consultas médicas e orientações farmacêuticas. Além disso, é necessário investir na capacitação e valorização dos profissionais de saúde, garantindo assim, um cuidado de qualidade e contribuindo para redução dos problemas relacionados à automedicação.

## CONCLUSÃO

A automedicação é uma prática presente na população brasileira, entretanto nos estudos avaliados ela sofreu grande variação, apresentando estudos com percentual baixo e outros com percentual mais alto. Esse resultado pode ter relação com as populações estudadas, visto que, há populações com comportamento de automedicação mais elevadas que outras. Isto gera muitas preocupações e riscos à saúde, podendo acarretar várias interações medicamentosas e efeitos colaterais. Os principais fatores que parecem influenciar na automedicação são o fácil acesso aos medicamentos nas farmácias comerciais, indicação de familiares e amigos e a dificuldade de acesso aos serviços de saúde. Embora a maioria dos medicamentos utilizados sejam analgésicos, que possuem sua venda isenta de prescrição nas farmácias é muito importante ficar atento aos mesmos. Ressaltando também a importância do profissional farmacêutico na promoção da saúde, garantindo o uso racional e as orientações quanto ao uso de forma correta, levando em consideração a estrutura em que os medicamentos são distribuídos e a grande visão comercial que eles representam.

## REFERÊNCIAS

1. LIMA, Paula Andreza Viana, COSTA Rodrigo Damasceno, SILVA Mariane Paula, FILHO Zilmar Augusto de Souza, SOUZA Luiz Paulo Souza, FERNANDES Tiótrefis Gomes, GAMA Abel Santiago Muri, Acta Paul Enferm: Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas, 2022, vol 35.
2. LIMA, Paula Andreza Viana, COSTA Rodrigo Damasceno, SILVA Mariane Paula, FILHO Zilmar Augusto de Souza, SOUZA Luiz Paulo Souza, FERNANDES Tiótrefis Gomes, GAMA Abel Santiago Muri, Acta Paul Enferm: Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas, 2022, vol 35.
3. CORREIA, Bruna de Carvalho, TRINDADE Juliana Kelly, ALMEIDA Alexsandro Barreto, Revista de Iniciação Científica e Extensão: Fatores Relacionados à Automedicação entre os Jovens e Adultos - Uma Revisão Integrativa da Literatura, 2019 2(1) (57-61) Goiás.
4. AQUINO, Daniela Silva, BARROS, José Augusto Cabral, SILVA Maria Dolores Paes, Departamento de Farmácia Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão: A automedicação e os estudantes da área da saúde, Recife/PE 2010 (2533-2538)
5. Jorge F. Vilarino. SOARES. Iberê C. SILVEIRA. Cristiane M. da. RÖDEL. Ana Paula P. BORTOLI, Rodrigo. LEMOS, Rafael R. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. Rev. Saúde Pública, 1998.
6. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. José Romério Rabelo Melo Elisabeth Carmen Duarte Marcelo Vogler de Moraes Karen Fleck Paulo Sérgio Dourado Arrais. Cad. Saúde Pública 37 (4) • 2021.
7. FERNANDES, Wendel Simões. CEMBRANELLI, Julio César. Automedicação e o Uso Irracional De Medicamentos: O Papel do Profissional Farmacêutico no Combate a Essas Práticas. Revista Univap, São José dos Campos-SP-Brasil, v. 21, n. 37, jul.2015.
8. LEMOS, Lucas Brasileiro. MORAES, Gabriela Silva. LEMOS, Gisele da Silveira. Nery, Adriana Alves. Automedicação em pacientes renais crônicos hemodialíticos. revista Brasileira Em Promoção Da Saúde, 33. 2020.
9. Souza, J. F. de, Lima, R. M. de, Batista, J. R. M., & Mariz, S. R. (2020). Prevalência da prática de automedicação entre estudantes de psicologia: um estudo transversal / Prevalence of self-medication practice among psychology students: a cross-sectional study. Brazilian Journal of Development, 6(12), 98105–98116.

10. Ferreira, F. das C. G., Luna, G. G. de, Izel, I. C. M., & Almeida, A. C. G. de. (2021). O impacto da prática da automedicação no Brasil: Revisão Sistemática/ The impact of the practice of self-medication in Brazil: Systematic Review. *Brazilian Applied Science Review*, 5(3), 1505–1518.
11. BATISTA, Júlia Arruda. Automedicação e Saúde Pública: dimensionamento dos fatores de risco e comportamentos de saúde. *Saud Pesq.* 2021;14(Supl.1):e-9370e-ISSN 2176-9206.
12. Araújo Júnior, A. G. de ., Caetano, V. da S. ., Portela, I. J. Z., Bezerra, J. P., Ferraz , M. Ângela A. L., & Falcão, C. A. M. (2022). Prevalência da automedicação em acadêmicos de odontologia e enfermagem em uma instituição pública brasileira. *Arquivos Em Odontologia*, 57, 26–35.
13. Marina Galdino da Rocha Pitta, Luzilene Pereira de Lima, Jordy Silva de Carvalho, Diego Rodrigues Cravo Teixeira, Tiago Rafael de Souza Nunes, Jose Arion da Silva Moura, Douglas Carvalho Francisco Viana, Ivan da Rocha Pitta. Análise do perfil de automedicação em tempos de COVID-19 no Brasil. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 11, e28101119296, 2021.
14. Ramires RO, Lindemann IL, Acrani GO, Glusczak L. Automedicação em usuários da Atenção Primária à Saúde: motivadores e fatores associados. *Semin. Cienc. Biol. Saude [Internet]*. 13º de janeiro de 2022 [citado 5º de junho de 2023];43(1):75-86.
15. LIMA Paula Andreza Viana, COSTA Rodrigo Damasceno, SILVA Mariane Paula, FILHO Zilmar Augusto de Souza, SOUZA Luiz Paulo Souza, FERNANDES Tiótrefis Gomes, GAMA Abel Santiago Muri, *Acta Paul Enferm: Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas*, 2022, vol 35.
16. Natalia Wirowski, Cauane da Silva Melo, Igor Soares Vieira, Fernanda Pedrotti Moreira. Prevalência de automedicação para COVID-19 entre adultos jovens durante a pandemia no Brasil. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 7, e29011729955, 2022.
17. CAVALCANTE, A. A. O. G.; SILVA, T. M. da; QUINTILIO, M. S. V. Automedicação entre os profissionais de saúde e o papel do farmacêutico. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos* , Brasil, São Paulo, v. 6, n. 13, p. 255–273, 2023.
18. Ferreira, F. das C. G., Luna, G. G. de, Izel, I. C. M., & Almeida, A. C. G. de. (2021). O impacto da prática da automedicação no Brasil: Revisão Sistemática/ The impact of the practice of self-medication in Brazil: Systematic Review. *Brazilian Applied Science Review*, 5(3), 1505–1518.
19. DELGADO. Arthur Ferreira dos Santos. Vriesmann. Lucia Cristina. O Perfil da Automedicação na Sociedade Brasileira. *Revista Saúde e Desenvolvimento* | vol.12, n.11, 2018.

20. DELGADO. Arthur Ferreira dos Santos. Vriesmann. Lucia Cristina. O Perfil da Automedicação na Sociedade Brasileira. Revista Saúde e Desenvolvimento| vol.12, n.11, 2018.
21. ALVES, Deisielly Keila Barboza Et al. Impacto da pandemia da Covid-19 nas práticas de automedicação: um estudo descritivo com professores da rede pública de Pernambuco. Revista Eletrônica Acervo Saúde | ISSN 2178-2091, 2022.
22. BRASIL, Conselho Federal de Farmácia. Resolução CFF nº 585, de 29 de agosto de 2013. Regulamenta as atribuições clínicas do farmacêutico e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 set. 2013 – Seção 1, p.186.
23. OLIVEIRA, Marcelo Antunes et al. Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados. ARTICLE, Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, ano 2012, p. 1-7, 2012.
24. DOMINGUES. Paulo Henrique Faria Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. Epidemiol. Serv. Saúde 26 (2) • Apr-Jun 2017.